

## **CRIATIVIDADE E A CRIAÇÃO**

Rose Mary Kerr de Barros<sup>1</sup>

Resumo: A criatividade tem lugar central na obra de Jung que a define como instinto. Por criatividade podemos pensar em dar vida a algo novo. Vários enfoques arquetípicos podem servir como base para criatividade. Este texto irá abordar criatividade através do viés da criação, fazendo referência aos mitos de criação. Tal ponto de vista encontra apoio no pensamento de Jung que utiliza-se dos mitos como metáforas para os processos psíquicos definindo a psique como eminentemente criativa.

Palavras- chave : criatividade, mitos de criação, Jung

## **Introdução**

Adentrar o universo Junguiano tem algo de inusitado na medida em que a riqueza de temas que Jung deixou como legado, por vezes, conduzem nossa caminhada sem que seja possível prever o trajeto que iremos percorrer. Da mesma forma, o tema criatividade envolve uma grande possibilidade de abordagens uma vez que é estudado por várias áreas do conhecimento humano como a filosofia, a psicologia, a arte, citando apenas algumas. Assim, durante a construção deste texto alguns temas se impuseram de forma que não pude deixar de abordá-los, mesmo que de forma superficial e em um movimento quase espontâneo, como que se apresentando com vida própria.

Para Jung os mitos são metáforas dos processos psíquicos, que explicitam temas que inquietam a humanidade . Para ele os mitos tem a característica de revelar temas arquetípicos . Arquétipos como estruturas que formam o inconsciente coletivo, tem seu conteúdo expresso pelos mitos de cada cultura. Dessa maneira, para o tema criatividade também vamos encontrar mitos que emergem do inconsciente coletivo como formas de revelar este arquétipo.

## **Definindo criatividade**

Precisamos então definir criatividade para fins desse trabalho. Fala-se aqui de criatividade do ponto de vista psíquico e assim criar significa dar existência, tirar do nada, dar origem a , gerar, formar, dar princípio a, produzir, inventar, imaginar. Criativo portanto, é criador. Em todos esses conceitos está inserida uma idéia de novo. Dessa forma algo é criativo quando é novo,

adequado e abrangente. Dessa forma a criatividade humana é uma capacidade necessária à vida em geral, e não só a arte ou à ciência. (Aranha, 1993 )

Historicamente observamos uma evolução na abordagem do tema. Para Lubart ( 2007) durante muito tempo , a criatividade foi apreendida pelo modo místico. Textos judaico-cristãos antigos afirmavam que o espírito era constituído de duas câmaras: uma representando um receptáculo que uma divindade preenchia com inspiração e a outras sendo dedicada a expressão dessa inspiração. Para o autor, Platão dizia que um poeta não pode criar sem que a musa lhe inspire e deseje. A abordagem mística sugere que a inspiração é um estado irracional de euforia, quase uma mania. Para Aristóteles a inspiração tem origem no interior do indivíduo. Num momento histórico posterior em função da política e influência da Igreja o conceito sofreu pouco desenvolvimento, voltando a ter atenção no Renascimento. Neste período , de retorno aos valores da civilização grega, houve uma renovação pelo interesse das expressões artísticas, literárias, filosóficas e científicas. No decorrer do século XIX , muitos autores sustentam a idéia do gênio criativo descansando sobre um nível excepcional de originalidade que depende da capacidade de associar idéias.

Freud no início da século XX, sugeriu que a criatividade resulta de uma tensão entre realidade consciente e pulsões inconscientes, sugeriu que os artistas e escritores criam para conseguir expressar seus desejos inconscientes (amor, poder, etc).

Na segunda metade do século XX , muitos escritores e correntes de idéias trouxeram suas contribuições ao estudo da criatividade. Desse modo, Para uma melhor compreensão do que é criatividade, analisamos a evolução histórica deste conceito, que compreendeu inicialmente uma visão filosófica, em que criatividade era considerada uma inspiração divina, na seqüência com a visão biológica e as contribuições de Darwin; tal conceito passou a ser visto como uma força criadora inerente à vida, e a hereditariedade era considerada seu principal componente. Os enfoques psicológicos trouxeram contribuições para a melhor compreensão da criatividade, as teorias associacionistas e comportamentais por seus estudos sobre associações de idéias, a gestalt pela

noção de pensamento produtivo, a psicanálise que acredita que criatividade era uma forma inconsciente de solução de conflitos, as teorias humanistas e seus conceitos de auto-- realização etc. Todavia, nenhuma destas teorias por si só conseguiu abarcar toda amplitude do tema criatividade humana. Assim criatividade é produto do chamado pensamento divergente, o qual é encarregado de procurar novas soluções e reconhecer problemas que outros passam por alto, sendo portanto uma atividade cognitiva que resulta em novas soluções para os problemas.

Lubart (2007 ) afirma que existe uma definição consensual admitida pela maior parte dos investigadores que criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto na qual ela se manifesta. Ela pode variar conforme a cultura e a época. Para ele quase todos os autores que definem criatividade concordam quanto a um aspecto, que é o fato de este conceito estar ligado à possibilidade de gerar respostas originais.

### **Aspectos arquetípicos da criatividade**

Segundo Hillman (1984 ) existem algumas noções típicas a respeito de criatividade e precisamos refletir sobre os diversos panos de fundo arquetípicos que compõe o tema. Podemos pensar em criatividade a partir de seis abordagens que irão determinar a forma como iremos tratar o tema:

1- Noção do instinto criativo moldada da imagem primordial do pai. “No princípio Deus criou o céu e a terra.”

2- Outra é a noção de que criação é novidade e que criativo só merece este nome enquanto creatio ex nihilo, enquanto trás alguma coisa inteiramente nova .Aqui aparece o puer aeternus e o arquétipo da criança divina.

3-Associação da criatividade com o mal e com a obscuridade através da sombra. Nesta noção a criatividade torna-se poder primordial, refletida no anormal, no extraordinário, na capacidade para extremos de intensidade.

4- O criativo percebido pelo ego, como uma inventiva resolução de problemas, tudo aquilo que pode servir para a expansão ou intensificação da consciência.

5- Pode ser percebida através da persona. O exterior e público invadem e consomem o interno e privado, a pessoa se torna sua própria imagem.

6- Pode por último pode ser derivada do arquétipo da Grande Mãe. Neste sentido o caminho para ela seria o da renovação. O criativo é apresentado como o intemporal e indestrutível terreno da natureza: terra,casa.

Uma vida pode, portanto, ser afetada por muitas dessas noções enquanto estágios arquetípicos da experiência do criativo. As possessões criativas podem ser atribuídas a identificações com uma ou outra dessas modalidades arquetípicas que induzem o indivíduo a apegar-se a somente um padrão, enquanto as tensões criativas aludem a disputas entre elas. Além disso, pode haver contaminações: o jovem a a sombra, não suficientemente separados levando ao enfant terrible ou criança e pai juntos, como o velho tolo por exemplo.

## **Sincronicidade e criatividade**

Para fins deste texto, falamos de criatividade a partir dos mitos de criação. Este viés se apresentou sincronisticamente e a partir disso conduziu nossa reflexão. A análise das imagens a seguir vão justificar nossa escolha. Na figura 1 encontramos símbolos que fazem referência ao mito de criação grego. O mesmo tema se apresenta na figura 2. As imagens elaboradas em

momentos, circunstâncias e por autores distintos, apresentam em comum os mesmos símbolos.



Figura 1

Na figura 1 acreditamos estar simbolizado o Mito de Criação Grego presente na Teogonia. Junito Brandão ( 2009 ) afirma que na *Teogonia* de Hesíodo tudo se inicia com o Caos : o vazio primitivo e escuro que precede toda a existência. Caos em grego significa abismo insondável. Caos é a personificação do vazio primordial, anterior à criação, quando a ordem ainda não havia sido imposta aos elementos do mundo. Dele, surge Géia , e outros seres divinos primordiais: Eros , Tártaro e Érebo. Sem intermédio masculino, Gaia deu à luz Urano, que então a fertilizou.

Géia é a personificação da Terra, concebida como elemento primordial e como deusa cósmica. É o princípio passivo, feminino, obscuridade, yin, anima, densidade, fixação e condensação à natureza sutil e volátil, isto é, dissolução. Géia suporta enquanto Urano (céu) a cobre, é mulher e mãe. Suas virtudes básicas são doçura, submissão, firmeza cordata e duradoura, humildade. Ela é fêmea penetrada pelo arado, fecundada pela chuva ou pelo sangue, que são o

spérma, a semente do Céu. É a matriz de todos os seres e simboliza a função materna. Concede e retoma a vida.

Tártaro é o local mais profundo das entranhas da terra, localizado abaixo do próprio Hades. Na época pós – homérica o Hades foi dividido em compartimento e o Tártaro passou a ser o lugar de suplício permanente dos grandes criminosos, mortais e imortais.

O Érebo designa as trevas infernais. Foi gerado pelo Caos. Para Hesíodo o cosmo se desenvolve ciclicamente, de baixo para cima, passando das trevas para a luz. Também em Gênesis a luz existiu depois das trevas.

E Eros significa desejo incoercível dos sentidos. Personificado é o deus do amor. Numa variante da cosmogonia órfica, o Caos e Nix( a Noite) estão na origem do mundo: Nix põe um ovo, de que nasce Eros, enquanto Urano e Géia se formam de duas metades da casca partida. Eros apesar de suas múltiplas origens permanece como a força fundamental do mundo. Garante não apenas a continuidade das espécies , mas a coesão interna do cosmo.

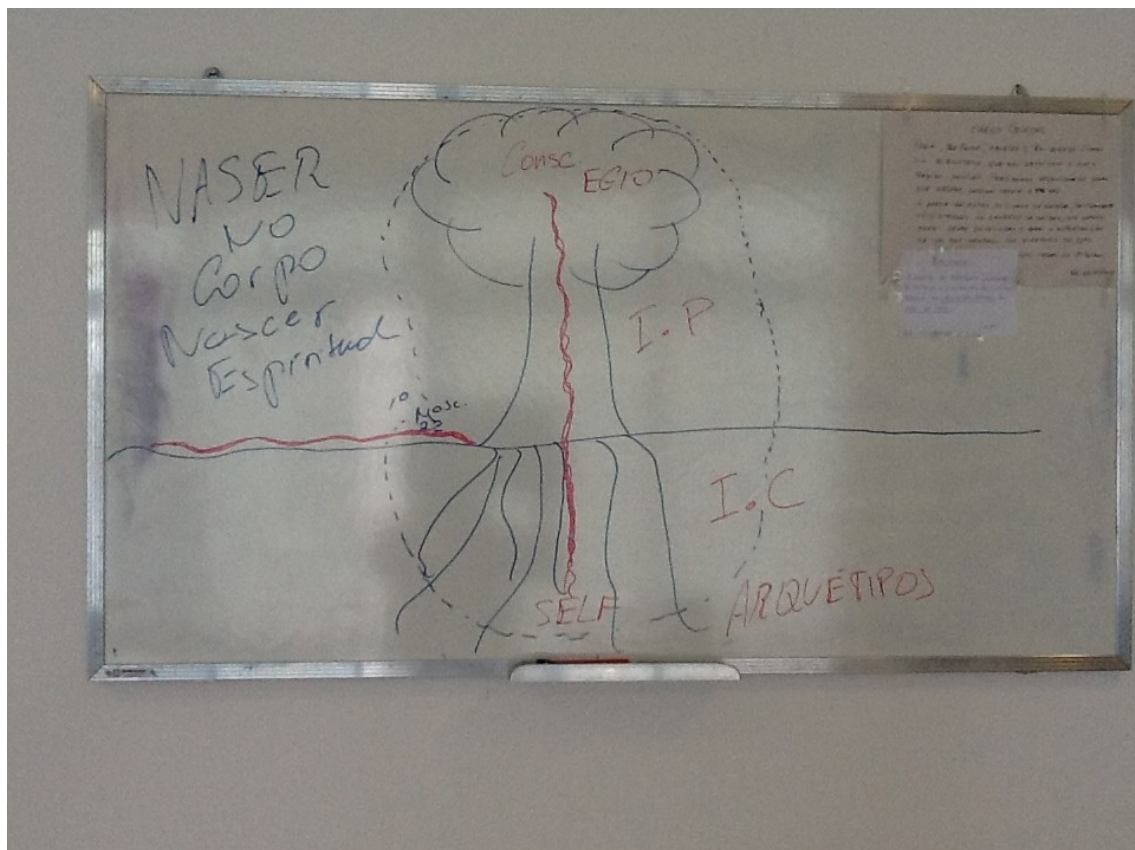


Figura 2

Na figura 2 encontramos os mesmos símbolos presentes fazendo referência ao tema da criação. Assim podemos observar através de um evento sincronístico aspectos que apontam para criatividade. Os elementos presentes – árvore, terra, raízes, o sangue ou esperma na superfície da terra – apontam para os mesmos símbolos expressando a idéia de criação.

A sincronicidade apresentou-se a nós através das imagens e dessa maneira nos obriga a abordá-la. Sincronicidade é uma “coincidência significativa” e “um princípio de conexões acausais”.(Ricelli, 2009) Trata-se de uma qualidade criativa do inconsciente coletivo. Jung a define também como “um ato de criação no tempo”. Cambray (2013) afirma que com a teoria da sincronicidade Jung está falando sobre fenômenos de coincidência acausal que são ligados pelo significado, mas que o colapso do espaço e do tempo, juntamente com o desaparecimento do princípio da causalidade, são notavelmente congruentes com as melhores teorias da física para a origem do universo. Desta forma falamos sobre criação pois como afirma o autor é como se Jung estivesse encontrando num nível mais profundo o lugar da psique nas origens do mundo.

Conforme Perrone ( 2013 ) a sincronicidade de Jung é a possibilidade da emergência do novo. Jung a define como um ato criativo em si. Ela acontece uma só vez. Encerra um potencial de criatividade que une o plano anímico e o material. Nos fatos sincrônicos estão sempre presentes o inesperado e o encontro. Enquanto criativos, eles provêm de um estado de abertura de alma que permite o encontro, a simultaneidade, a magia do reforçamento de uma imagem que é, ao mesmo tempo, totalmente nova.

## **Os mitos de Criação**

Von Franz (2003) afirma que os mitos de Criação são os mais profundos e importantes de todos e que sua narrativa é feita de forma solene porque eles falam de padrões básicos de existência. O inconsciente produziu muitos modelos desse evento que diz respeito a origem da natureza e da existencia humana e que é para nós um completo mistério. E para que serve



um mito de criação? Conforme Von Franz, há estruturas arquetípicas básicas brilhando por trás da variedade de motivos que compõe estes mitos e que são tentativas de responder sobre a existência do cosmos. Tais estruturas, entre outras funções, são a manifestações do mistério da criatividade da psique humana inconsciente. Ao conhecer estas manifestações, entendemos os processos criativos alojados nas profundezas da psique humana.

Os mitos de criação tem caráter iniciatório e continuam produzindo efeito até os dias atuais. Von Franz afirma que em nosso tempo os rituais de Ano Novo servem para renovar esperanças e são formas de reencenar estes mitos.

### **Jung e a criatividade como instinto**

Jung talvez tenha sido o único teórico que afirmou que criatividade era instinto.

“Recapitulando, gostaria de frisar que, do ponto de vista psicológico é possível distinguir cinco grupos principais de fatores instintivos, a saber: a fome, a sexualidade, a atividade, a reflexão e a criatividade. ( CW 08, §246)”

Na reflexão de C. G. Jung, o criativo é um processo caracterizado pela função *simbólica* da psique, a que ele chamou de *função transcendente*. Todo o processo de reconhecimento e de unificação de opostos na psique, enfatizado por Jung em qualquer nível de experiência em que possa ocorrer, torna-se possível através da função transcendente. Ela é a própria função da transformação, e também deve ser encarada como o objetivo do processo. Devemos aqui compreender a função transcendente fundamentalmente como uma forma de cognição na qual coexistem uma afirmação e sua contradição: uma operação *criativa*. Jung afirma que esse processo contínuo de entrar em contato com a contraposição no inconsciente o qual chamou de 'função transcendente', trás a confrontação de dados conscientes (racionais) com inconscientes (irracionais) e que disso necessariamente resulta uma modificação do ponto de vista. ( CW 8/2)

“...Usamos a expressão instinto criativo, porque este fator dinamicamente, pelo menos à semelhança de um instinto. É compulsivo, como o instinto, mas não é universalmente difundido nem é uma organização fixa e herdada invariavelmente. Prefiro designar a força criativa como sendo um fator psíquico de natureza semelhante à instinto. ...A criação é ao mesmo tempo destruição e construção.(CW 8, §245)

## **A psique criativa ou a Criatividade psicológica**

No pensamento junguiano, o trabalho do analista é visto como uma força da natureza, que vai além do destino pessoal. Compreende-se o processo criativo como ativação inconsciente da imagem arquetípica e sua elaboração e configuração até atingir uma obra acabada. A Criatividade ocupa o centro da Psicologia de Jung. Ele via a necessidade de tornar o núcleo criativo do inconsciente acessível ao consciente. O símbolo seria a expressão visível do desenvolvimento criativo.

A criatividade está enraizada na camada mais profunda do inconsciente. Para Jung as fontes da capacidade de criação estão contidas nesse inconsciente impessoal, coletivo, de onde emerge o novo.

Segundo Von Franz (2003) os nativos de Fidji repetem seus mitos de criação toda vez que existe uma ameaça urgente à vida. Sempre que há ameaça de dissociação, pânico ou desordem social, tentam restaurar a criação e o cosmo todo, narrando seu mito de criação.

Dessa forma, através deste importante núcleo de criatividade presente em nossa psique, temos a possibilidade de enfrentar a tarefa que a nós se impõem- a individuação. Sem criatividade, nada podemos, uma vez que precisamos do novo para alcançar, se não o objetivo, pelo menos o caminho.

## Referencial Bibliográfico

Aranha, Maria Lucia de Arruda , Martins, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução à filosofia*. Editora Moderna. 2ª Edição.1993

Brandão, Junito. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 21 Edição. 2009

Chambray, Joseph. *Sincronicidade. Natureza e Psique num universo interconectado*. Petrópolis, Vozes. 2013.

Hillman, James. *O mito da análise*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. 1984

Jung, Carl. Gustav . *A energia Psíquica*.(8/1) Petrópolis, Vozes.2010  
\_\_\_\_\_ *A natureza da Psique* (8/2) Petrópolis, Vozes.2010

Lubart, Todd. *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre, Artmed. 2007

Perrone, Maria Paula M. S. Bueno . *A imaginação criadora: Jung e Bachelard*. Associação Junguiana do Brasil – AJB, Instituto de Psicologia da USP - IPUSP .Acessado no endereço  
<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versoportugues/2c30a.pdf> em  
18/10/2013.

Ricelli, Izete . *Sincronicidade: dados e perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.2009

Von Franz, Marie Louise. *Mitos de Criação*. São Paulo.Paulus. 2003